



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 01

DEUS TORNANDO-SE HOMEMⁱ

Texto-base: Filipenses 2.5-8

O Filho Eterno do Pai não teve começo e não terá fim, mas o Filho encarnado teve um começo no tempo e no espaço. O milagre que o Espírito Santo realizou foi conceber em Maria o Deus-homem, Jesus Cristo, filho de Davi e Filho de Deus.

Visto que a natureza divina em Jesus era eterna e infinita, enquanto sua natureza humana era criada e finita, uma questão que se apresenta é como estas duas naturezas poderiam coexistir numa única pessoa. Jesus podia ser ao mesmo tempo onipotente, onisciente e onipresente – qualidades da natureza divina eterna - enquanto tinha um poder humano limitado e finito, que crescia em sabedoria e entendimento, e uma habilidade restrita de estar em apenas um lugar por vez – qualidades da natureza humana, finita? Jesus seria genuinamente humano se tivesse, nessa experiência humana, poder, conhecimento, sabedoria e presença espacial ilimitados?

O ponto central da resposta a essas perguntas está no modo como Paulo expressa, em Fl 2.5-8, o *kenosis*, o autoesvaziamento do Filho quando assumiu a natureza humana. Primeiramente, Paulo escreve que Cristo existia “em forma de Deus”, usando a palavra grega *morphè*, que se refere à natureza ou substância interior de algo, e não à sua forma exterior e visível. Portanto, embora a palavra portuguesa transmita a ideia de aparência de algo e não a sua realidade interior, a palavra grega transmite a ideia oposta: *morphè* é a substância interior ou a própria natureza de uma coisa, e não a sua aparência ou forma exterior.

O mesmo é verdade no segundo uso que Paulo faz de *morphè*, ao dizer que ele assumiu “a forma (*morphèn*) de servo” (v. 7). É claro que Paulo não queria dizer que Jesus assumiu meramente a aparência exterior de um servo; pelo contrário, Paulo diz exatamente o oposto: Jesus assumiu a substância interior e a própria natureza, ou seja, a forma (*morphèn*), do que significava ser um servo.

Em segundo lugar, quando Paulo escreve que Cristo “não julgou como usurpação o ser igual a Deus” não está dizendo que Cristo desistiu da igualdade com Deus ou que ele cessou de ser plenamente Deus. Visto que Cristo é plenamente Deus, ele não pode cessar de ser Deus. Deus é eterno, autoexistente, imortal e imutável. O que Paulo quer dizer é que Cristo, possuindo a própria natureza de Deus e sendo

plenamente igual a Deus, não insistiu em se prender a todos os privilégios e benefícios de sua posição de igualdade com Deus (o Pai) e recusar a aceitar a vir como homem.

Em terceiro lugar, como aquele que é plenamente Deus, Jesus Cristo “a si mesmo se esvaziou”, *ekenósen*, significa, literalmente, apenas isto: “derramou-se a si mesmo”. Observe que Paulo não diz que Cristo esvaziou algo *de si* mesmo ou derramou algo *de si* mesmo, como se, em fazer isso, tivesse se tornado menos plenamente Deus do que era antes. Pelo contrário, ele derramou-se a si mesmo. Ou seja, tudo que Cristo é como Deus eterno, tudo que ele é como aquele que existe na forma de Deus e é igual a Deus é derramado. Por toda eternidade, ele é plenamente Deus e, na encarnação, derrama plenamente o que é como Deus, permanecendo plenamente Deus quando faz isso.

Cristo se esvaziou assumindo a forma de servo. Sim, ele se esvazia por assumir, por acrescentar. Cristo, existindo e permanecendo plenamente quem ele é como Deus, aceita seu chamado divino para vir ao mundo e cumprir a missão que o Pai lhe designou. Ele tem que vir como plenamente homem e, como homem, tem de viver e dar a sua vida como um de nós. Ele veio, então, para se tornar o Deus-homem – aquele cuja própria natureza divina assumiu plenamente a existência de uma natureza humana criada, a natureza de um servo por excelência que dará sua vida em obediência na cruz, para cumprir a vontade de seu Pai.

Vejamos duas ilustrações que ajudam a entender como Cristo se esvaziou por acrescentar algo mais a si mesmo. Primeiro, pense você indo a uma concessionária de veículos para fazer um *test-drive* de um carro novinho. Você escolhe um veículo lustroso e brilhante, e vai dirigi-lo numa área rural, por estradas de terra enlameadas. Ao voltar à concessionária com o carro coberto de lama, o vendedor indaga nervoso: “o que você fez com meu carro?”, mas você responde calmamente: “não tirei nada do seu carro; apenas acrescentei!”. O belo brilho do carro ainda está lá; seu lustre e beleza não foram removidos ou destruídos – apenas estão cobertos pela lama, a qual impede que essas qualidades resplandeçam. Receber a lama acrescentou algo que resulta na glória aparecer menos, enquanto, de fato, é apenas algo mais que foi acrescentado.

A deidade que Cristo possuía plenamente não pôde ser expressa em toda a plenitude devido ao fato de que ele assumiu a natureza humana. A natureza humana acrescentada à humanidade de Cristo é como a lama acrescentada ao lustre daquele carro limpo e polido. Sem a encarnação não havia nada que “escondia” ou ocultava a plena deidade de Cristo; por isso, ela se manifestava em todo esplendor. Mas, quando ele se tornou homem, “cobriu” a si mesmo com uma natureza humana, finita e criada. Portanto, embora Cristo fosse plenamente Deus na encarnação, ele não podia expressar toda a dimensão de suas qualidades ou atributos divinos. A glória da deidade de Cristo estava totalmente intacta e presente, mas a manifestação dessa glória não teve expressão plena, porque ele estava coberto com a natureza humana.

A segunda ilustração: imagine agora um reino enorme e glorioso que é governado por um rei forte e muito rico. Esse rei desfruta de todos os privilégios possíveis e possui tudo o que o dinheiro pode comprar: as melhores refeições, as roupas mais luxuosas, cuidado pelos mais habilidosos médicos do mundo, protegido pela maior força de soldados reais. Um dia, porém, ao passar por uma área do reino na qual havia muitos mendigos na rua, o rei pensou

consigo mesmo: “como será viver como mendigo?”. Então, determinado a descobrir como seria aquele tipo de vida, ele decidiu viver genuinamente como um mendigo por um tempo determinado, assimilando o cotidiano e as limitações de um mendigo. Agora, quando ele sentia fome, embora soubesse que podia simplesmente ordenar que os cozinheiros reais lhe trouxessem uma refeição, para viver como um mendigo verdadeiramente aprendeu o que significava passar fome e pedir comida. Ficou doente, mas recusou-se a recorrer aos médicos, e foi insultado e maltratado por pessoas más, mas recusou-se a chamar a guarda real para defendê-lo.

Assim, embora todas as qualidades da realeza fossem plenamente retidas pelo rei que se tornou mendigo, a expressão ou manifestação de muitos dos direitos e privilégios que ele tinha como rei não pôde ser exercida, visto que ele escolhera viver como mendigo. O fato crucial é este: o rei não pode viver de acordo com todos os direitos e privilégios que possui como rei, enquanto vive, também, genuína e autenticamente como um mendigo. Ele teve, por necessidade, aceitar a restrição e limitação da expressão de qualidades, direitos e prerrogativas que possui como rei.

Certamente, a operação das duas naturezas em Jesus está além de nossa compreensão. Como Cristo pôde viver plenamente como homem, enquanto era plenamente Deus, isso sempre foi e será um mistério. Mas sabemos isto: o Filho eterno do Pai, que existia na forma (*morphé*) de Deus e era igual a Deus, assumiu a forma (*morphén*) de nossa natureza humana e nossa total servidão humana. Como homem, ele aceitou as limitações finitas quanto à plena expressão de suas qualidades infinitas, embora também possuísse essas qualidades divinas em sua plenitude infinita. Ainda que essas verdades estejam além de nosso entendimento, o que podemos ver, em pequena medida, produz em nós temor e admiração, por causa da grandeza do *kenosis* que o Filho eterno experimentou, quando se tornou plenamente homem. Como Paulo descreve o autoesvaziamento de Cristo em outra passagem, “sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Co 8.9).

Aplicação / perguntas para discussão:

- ✓ A aplicação mais importante destas reflexões tem a ver com a resposta de nosso coração à pessoa de Jesus. Antes de falarmos sobre “viver como ele”, devemos compreender o que significa para ele fazer o que fez ao vir ao mundo. Sem compreendermos a profundidade do propósito da encarnação inevitavelmente trivializaremos o que significa “fazer o que Jesus faria” ou “viver como Jesus”. Quão trivial, se não vemos as alturas das quais ele veio e as profundezas às quais desceu, ao vir como o Servo sofredor que levaria nosso pecado! Minimizaremos a magnitude do que Jesus fez se deixarmos de perceber o tipo de obediência que ele prestou e a extensão a que se dispôs a ir para garantir o cumprimento da vontade de seu Pai.

- ✓ Tendo o coração e a mente impactados pelo que Cristo fez, lembremos que o imperativo inicial de Paulo nos chama à ação (Fp 2.5). Ser como Jesus, diz Paulo, é dar-se a si mesmo em serviço humilde aos outros. Obviamente, nenhum de nós poderia servir de maneiras exatamente iguais às de Cristo ou na extensão a que ele foi; mas todos somos chamados a olhar para esse exemplo a fim de conhecermos maneiras pelas quais podemos, pela graça de Deus, modelar nossa vida de acordo com ele.

- ✓ Lembre, por um momento, a extensão e a completude da obediência de Cristo. Ele nunca desobedeceu! E sua obediência foi prestada em circunstâncias severamente mais difíceis, a um custo bem maior do que qualquer obediência já prestada por qualquer ser humano em toda a história. Como isto nos ajuda a entender a obediência que Deus nos chama a prestar?

ⁱ Esta lição é um resumo do capítulo 01 do livro **Cristo Jesus homem: reflexões teológicas sobre a humanidade de Cristo**, de Bruce Ware (Editora Fiel).